

Resumo do relatório de pesquisa

Teologia da comunidade abundante:

em busca da sustentabilidade ambiental e econômica (SAE)



Os moradores da comunidade de Palung, no Nepal, foram beneficiados pelo reservatório de água que construíram.
Foto: Matthew Joseph/Tearfund

“Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.”

Romanos 12:2

Se quisermos compreender qual é a vontade de Deus, precisamos mudar radicalmente a nossa maneira de pensar. Isso é especialmente importante quando tentamos encontrar respostas apropriadas para as crises nos âmbitos ambiental e econômico que nos afligem. Se quisermos refletir corretamente a respeito da ganância e da desigualdade que destroem o nosso planeta e ceifam vidas, precisamos **repensar o que significa ser humano no mundo.**

Esse é especialmente o caso se formos propensos a uma noção não bíblica e individualista da nossa natureza humana. A proposta da Tearfund é que nos entendamos como membros de comunidades abundantes que vivem em harmonia umas com as outras e com o planeta, precisamente porque abraçamos a visão de Deus para a humanidade.

tearfund

A crise ambiental e a natureza humana

A forma como pensamos sobre nós mesmos como seres humanos está na raiz de muitos dos nossos desafios ambientais e econômicos. Muitos têm sugerido que a crise ecológica é, em grande parte, o resultado da crença de que, como seres humanos, temos o direito de explorar e dominar o planeta. A destruição ecológica ocorre quando nos consideramos inteiramente distintos do resto da criação, colocando-nos acima dela como uma espécie de colosso que pode usar o mundo da maneira que melhor servir aos nossos propósitos. Essa ideia levou-nos ao limiar de uma catástrofe ambiental.

No entanto, ao mesmo tempo, alguns parecem ir longe demais na direção oposta, sugerindo que não se deve fazer distinção alguma entre os seres humanos e o meio ambiente, concluindo que somos apenas mais uma parte do reino animal. Isso também é um engano, porque a Bíblia nos diz que somente nós fomos criados à imagem de Deus. Portanto, parte do pensamento renovado com o qual precisamos nos engajar é definir mais cuidadosamente a forma como nos relacionamos com o resto da criação. Obviamente, não somos chamados a dominar, mas também não somos apenas uma criatura entre muitas. **Portanto, quem somos?**

Sobrevivência dos mais fortes

Paralelamente, um certo tipo de pensamento econômico originado no Ocidente convenceu muitas pessoas de que fundamentalmente somos indivíduos em competição, tanto uns com os outros como com o planeta. De acordo com esse pensamento, a única maneira de sobreviver é fazer melhor do que os outros, incluindo o reino animal: acumulando e consumindo mais do que os outros e certamente mais do que precisamos.

Existe uma escultura abominável, conhecida como Sobrevivência do Mais Gordo, que retrata um jovem faminto, de origem africana, carregando sobre seus ombros uma mulher ocidental bastante gorda. A escultura foi criada para retratar as desigualdades de riqueza que afligem o mundo. A inscrição diz: “Estou sentada nas costas de um homem que está afundando sob seu fardo. Eu faria qualquer coisa para ajudá-lo, exceto descer de suas costas”. A pessoa em cima está segurando a balança da justiça, sugerindo que ela acredita que estar vivendo com justiça, quando, na realidade, não está. Essa mentalidade pode ser um perigo real para muitos de nós. A pergunta é: **existe outra maneira de pensar sobre o que significa ser humano?**

Ambas as perguntas podem ser consideradas uma questão de antropologia teológica. Elas se preocupam com a maneira como nos consideramos seres humanos à luz do nosso relacionamento com Deus.

Repensar a nossa humanidade

Em uma série de consultas, perguntamos às organizações parceiras, aos nossos colegas de trabalho e a representantes da África, Ásia e América Latina o que eles achavam dos desafios ambientais e econômicos que estão diante de nós.

A resposta que ouvimos com mais frequência foi que precisamos repensar o que significa ser humano.

Comunidade e interdependência

A consulta realizada na América Latina tocou na nossa necessidade de desenvolver “uma visão integral e comunitária da vida. Portanto, quando a criação é afetada, todos somos afetados; e quando um ser (vivo ou não) é afetado, toda a criação é afetada”.¹ Eles nos desafiaram a abraçar “uma vida em comunidade e com interdependência, em contraste com o individualismo e a instrumentalização” característicos do Ocidente.²

Blanca Cortés, teóloga nicaraguense, disse:

*“Precisamos de uma nova maneira de compreender... que abra as portas para uma existência com novos comportamentos e maneiras de aprender. Embora isso pareça algo muito difícil de alcançar, não podemos duvidar da nossa capacidade de amar e de nos envolvermos na teia da vida que recebe todos os migrantes e crianças, as flores e os rios. Há sempre algo em nós que nos faz sentir ligados, interconectados e interdependentes”.*³

Abundância e harmonia

De forma semelhante, os participantes da consulta realizada na África lembraram que “a promessa de Jesus é de uma vida abundante e que traz shalom: um estado profundo de relacionamentos saudáveis, baseados na harmonia, entre Deus e os seres humanos, entre a ordem criada e entre os seres humanos”.⁴ Essa ideia talvez seja mais bem capturada no conceito *Bantu de ubuntu*. O relatório *África Abundante*, iniciado pela Tearfund, registrou o seguinte:

*“Todos os seres humanos são interdependentes. Nós somos humanos porque pertencemos, participamos e compartilhamos nossa sociedade... O conceito de Ubuntu se estende ao cuidado dos ecossistemas naturais dos quais somos uma parte totalmente dependente... Ubuntu significa que nossa abundância, como africanos, depende da melhoria de nossas comunidades e do meio ambiente e, portanto, sua promoção é essencial para enfrentar a pobreza, os conflitos políticos, a injustiça e os desafios ambientais. Isso pode ser feito mostrando empatia pelos outros, compartilhando recursos e trabalhando de forma cooperativa para resolver problemas em comum.”*⁵

1 Uribe, Pilar (2020) *Construction of a theological framework for environment, economy, and sustainability in Latin America and the Caribbean*, Teddington: Tearfund, p. 20.

2 Uribe (2020) p. 137.

3 Uribe (2020) p. 129.

4 Anderson, Valerie e Graham McGeoch (2020) *Exploring theologies of environmental and economic sustainability in Africa*, Teddington: Tearfund, p. 40.

5 Giljam, Miles et al (2021) *Abundant Africa: our decade to shape the African century*, p. 20.



❏ **Membros de um projeto de empreendedorismo entre mulheres em Cajamarca, no Peru, exibem seus tecidos artesanais tradicionais que são vendidos no mercado. O projeto visa melhorar o sustento das mulheres nessa comunidade indígena.**
Foto: María Andrade/Tearfund

O propósito da vida é o amor

A razão pela qual essa nova antropologia é importante é porque ela vai ao cerne da maneira como tratamos o planeta e uns aos outros. O problema fundamental é que passamos a considerar as pessoas e os recursos naturais como se fossem recursos a serem explorados, em vez de tratá-los como vizinhos e amigos, a quem somos chamados a amar. No entanto, assim como as escrituras enfatizam repetidamente, **o propósito da vida não é competir, mas amar** (Filipenses 2:1-5).

Dois mentalidades: duas abordagens

Uma maneira específica pela qual se chegou a essas reflexões e que foi enfatizada pelas nossas organizações parceiras na África, Ásia e América Latina, foi através da comparação entre as noções de escassez e abundância.

A maneira mais fácil de explicar essa diferença é considerar o fenômeno das compras motivadas pelo pânico. Quando vivemos com uma mentalidade de escassez, temos uma preocupação constante de que não haverá uma quantidade suficiente de determinado recurso para satisfazer nossos desejos e, assim, consumimos e armazenamos o máximo possível daquele recurso por medo de que ele se esgote.

Em comparação, quando vivemos com uma mentalidade de abundância, nossa preocupação é que não haverá uma quantidade suficiente de determinado recurso para os outros e, assim, consumimos e armazenamos o mínimo possível daquele recurso a fim de garantir que haja o suficiente para todos.

Fundamentalmente, quer tenhamos uma mentalidade de escassez ou de abundância, isso não muda quanto do recurso está disponível: o que muda é a rapidez com que o compartilhamos com os outros ou o deixamos para eles. Muitas comunidades indígenas deixam intencionalmente alguns dos produtos da floresta, não

apenas para outras pessoas, mas também para os animais. Tal comportamento, que se assemelha às leis de respigo do Antigo Testamento (Levítico 19:9-10), contrasta fortemente com a superexploração que caracteriza muitas das nossas indústrias: madeireira, pesqueira, agrícola e extrativista. Essa superexploração é, essencialmente, uma espécie de compra motivada pelo pânico, mas em uma escala verdadeiramente industrial e global. O problema que enfrentamos é que, em grande parte do mundo, especialmente no Norte Global, essa mentalidade de escassez passou a ser considerada a norma.

Nossa casa comum

Em vez de termos uma mentalidade na qual nos vemos como indivíduos em competição, vivendo em um ambiente de escassez, **deveríamos abraçar a verdade teológica de que podemos viver como comunidades abundantes nas quais a cooperação e a colaboração são a norma.** É essencial que essa nova mentalidade seja aplicada aos nossos relacionamentos uns com os outros, com o planeta e conosco mesmos, e tudo porque esses relacionamentos são definidos pelo nosso relacionamento com Deus.

De acordo com essa abordagem, começamos com a crença de que a Terra criada por Deus, que é boa, produz recursos suficientes, ou até mesmo abundantes, para que todos possam prosperar. Reconhecemos que, se todos consumissem tanto quanto uma pessoa comum que vive no Ocidente, esse não seria o caso e que nós, no Ocidente, consumimos muito mais do que necessitamos. Portanto, o mundo tem o suficiente, desde que compartilhemos de maneira mais equitativa os recursos que Deus nos proporcionou. Nós nos engajamos nesse compartilhamento porque entendemos que somos pessoas em um relacionamento, tanto uns com os outros como com a Terra. Entendemos que tudo aquilo que adquirimos não pertence somente a nós – seja como indivíduos, seja como humanos – e não acreditamos que o planeta seja simplesmente um recurso que possamos consumir ou acumular a nosso bel-prazer.

Ao contrário disso, nossa premissa é **que os bens da Terra fazem parte da nossa casa comum e, portanto, pertencem a todos, incluindo os animais com os quais convivemos nesse espaço.** Dessa maneira, reformulamos o nosso pensamento, considerando-nos membros de uma casa compartilhada, em vez de concorrentes em um mercado. **Compartilhamos, em vez de competirmos, porque temos uma compreensão diferente de quem somos como seres relacionais criados à imagem de Deus.**

Ir mais fundo

O relatório completo apresenta os fundamentos bíblicos e teológicos para essa abordagem e sugere que essas ideias devem servir de base para a nossa teologia sobre a sustentabilidade ambiental e econômica. Ele foi intensamente orientado pelas contribuições das regiões mais afetadas pelas consequências dos danos ambientais e da desigualdade econômica. Tal teologia pode ser resumida na ideia de que a nossa identidade em Cristo é a de uma comunidade abundante, formada em um relacionamento com Deus, uns com os outros e com o resto da criação.

Essa compreensão diferente da nossa identidade leva-nos a conduzir a vida dentro da nossa casa comum, de acordo com a mentalidade de que ela é uma casa compartilhada, em vez de um mercado competitivo. Isso significa que compartilhamos e cuidamos abundantemente não apenas do nosso patrimônio, mas também do nosso poder, voz e vida, pois acumulamos nossas riquezas na vida e no bem-estar do nosso próximo ao redor do mundo e da natureza que Deus nos proporcionou.

Nada disso tem o objetivo de sugerir que não haja um lugar para os mercados comerciais de fato, mas propõe que a dinâmica relacional de uma casa compartilhada oferece o valor fundamental para esses mercados. Eles devem ser caracterizados pela consideração e cooperação mútuas e não pela concorrência e exploração.

Nosso verdadeiro papel

O que mais importa é que esses relacionamentos sejam orientados pelo nosso relacionamento com Deus em primeiro lugar. É apenas Deus que define quem somos e como devemos nos relacionar. Na esfera ambiental, isso significa que abraçamos a compreensão de que, embora façamos parte da comunidade da criação, temos um papel distinto a desempenhar dentro dela.

Esse papel distinto não é o de explorar, mas o de amar, servir e assumir responsabilidades. Na esfera econômica,



☑ Uma participante do projeto Farmer Field Schools, perto da cidade de Warawar, no Sudão do Sul, que recebeu sementes de sorgo, gergelim e abóbora para cultivar e foi ensinada práticas agrícolas para melhorar a qualidade e a quantidade de suas culturas. Foto: Will Swanson/Tearfund

isso significa que não consideramos nossos bens ou riquezas como se eles pertencessem a nós mesmos, mas a Deus e à nossa família global. Nossa atitude, portanto, é aquela em que grande parte dos recursos que possuímos pertence, na verdade, àqueles que são economicamente pobres: quando compartilhamos, estamos meramente devolvendo a eles e a Deus.

Propomos que o nosso verdadeiro papel como seres humanos exige que pensemos de maneira diferente sobre nós mesmos e, depois, vivamos de forma diferente com os outros e com o planeta. Que possamos compartilhar de maneira mais abundante e generosa; que possamos, coletivamente, pisar mais leve sobre a Terra; que possamos acumular e consumir menos; e que possamos reconhecer que vivemos em uma abundante comunidade da criação, na qual o amor – não o domínio – permeia tudo o que fazemos.

Este documento é um resumo do relatório completo, que está disponível nesta página web: learn.tearfund.org/abundant-community

learn.tearfund.org

Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE, Reino Unido
☎ +44 (0)20 3906 3906 ✉ publications@tearfund.org

Sede registrada: Tearfund, 100 Church Road, Teddington, TW11 8QE. Registrada na Inglaterra sob o n.º: 994339. Uma companhia limitada por garantia. Instituição beneficente n.º 265464 na Inglaterra e no País de Gales e n.º SC037624 na Escócia. J730-BR-P (1222)

tearfund